

**UNIVERSIDADE FEDERAL FLUMINENSE
INSTITUTO DE QUÍMICA
LICENCIATURA EM QUÍMICA**

MARCUS ENNES RANGEL COUTO

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: O ESTUDANTE É MUITO MAIS QUE
UMA OPÇÃO**

**NITERÓI, RJ
2014**

Marcus Ennes Rangel Couto

**ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL: O ESTUDANTE É MUITO MAIS QUE
UMA OPÇÃO**

Monografia de final de curso apresentada ao Curso de Graduação de licenciatura em Química da Universidade Federal Fluminense, como requisito parcial para obtenção do Grau de Licenciado em Química.

Orientador:

Prof. Dr. Bianca da Cunha Machado

NITERÓI, RJ

2014

Marcus Ennes Rangel Couto

C871 Couto, Marcus Ennes Rangel

Orientação profissional: O estudante é muito mais que uma opção / Marcus Ennes Rangel Couto. – Niterói [s.n.], 2014.

38f.

Monografia – (Licenciatura em Química) – Universidade Federal Fluminense, 2014.

1. Ensino de química. 2. Orientação Vocacional. 3. Orientação profissional. 4. Psicanálise. I. Título.

CDD. 540.07

Marcus Ennes Rangel Couto


Monografia de final de curso apresentada
ao Curso de Graduação de licenciatura
em Química da Universidade Federal
Fluminense, como requisito parcial para
obtenção do Grau de Licenciado em
Química.

Aprovada em de de 2014

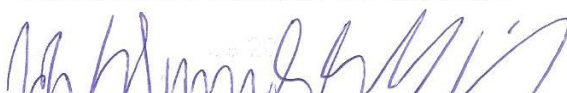
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Bianca da Cunha Machado (Orientador)
Universidade Federal Fluminense



Prof. Dr. Sérgio de Paula Machado
Universidade Federal do Rio de Janeiro



Prof. Dr. Carlos Eduardo da Silva Côrtes
Universidade Federal Fluminense

NITERÓI, RJ

2014

Dedicatória e agradecimentos

Dedico esta monografia primeiramente à meu pai e à mamãe, sempre muito amados e queridos. Sem sombra de dúvida, foram inúmeras vezes os responsáveis por amplificar minha determinação.

Pai: Exemplo de hombridade e mestre a ser seguido.

Mãe: Ternura e mãos amigas, sempre presentes para o que precisar.

Aos amigos:

Felipe Garcia, pela amizade incondicional de sempre, em qualquer situação.

Diogo P. Band: O irmão desde sempre, as sábias palavras de ânimo, espírito jovem que contagia e cativa a todos

Lucas Regoto e NicolásKoutroularis: as inúmeras tardes de estudo e a forte amizade

MayumiYamaki: A força nos momentos em que mais precisei, o ombro amigo e os conselhos sábios.//

No trabalho:

Leonardo Lauback: Mestre e mentor da Química: com você aprendi e aprendo mais a cada dia. É, e sempre será uma honra lecionar ao seu lado.

AlminaMannarino: Doce e divertida amiga: és um dos maiores presentes de 2014, sem dúvida! Muito obrigado pela oportunidade de lecionar ao seu lado.

Rodrigo Porto e Daniel Alexandre: por todo o crescimento proporcionado pela experiência no CEDA e mais ainda, pela confiança e a amizade marcados para sempre em nossos corações.

Felipe Prima: pela confiança em meu trabalho desde o início, me fazendo crescer a cada dia como profissional em sua instituição

Anselmo Rodrigues: pela confiança, pelos conselhos extremamente engrandecedores e pela oportunidade de fazer parte de sua instituição.

Vitor Hollup: O Sala2 foi uma das melhores experiências de minha vida: de aluno a professor. Sempre serei imensamente grato a você.

Alexandre Torres: Meu padrinho, sempre um show de aula. Muito obrigado pelas caronas, pelo incentivo e pelas injeções de bom ânimo.

Roberto Faesy: Grande amigo, mentor e salvador nas questões de matemática quase impossíveis, essa caminhada sem dúvida tem uma grande parte sua.

Bianca Machado e Carlinhos: Mais que professores, pais extremamente zelosos que me ampararam e me inspiraram inúmeras vezes ao longo dessa caminhada. Sou eternamente grato.

Espero me tornar um professor melhor a cada dia, sempre inspirado na força transmitida por vocês.

CPM MED 2014: A confiança e o respeito conquistados ao longo desse ano maravilhoso.

Muito obrigado, do fundo do meu coração: amo vocês.

RESUMO

A orientação profissional é uma área da psicologia de suma importância na atual conjuntura social, pois o jovem encontra-se inserido em um mundo dinâmico, extremamente dinâmico, veloz e de uma ferocidade sem igual no tocante à vida profissional. O presente trabalho traz como proposta a problematização do tema e fomentação à sua discussão no âmbito do ensino médio, instigando ao aluno a desenvolver senso crítico e buscar suas próprias opções por conta própria, de maneira autônoma e significativa.

Palavras-Chave: educação; orientação vocacional; ensino de química; psicologia

ABSTRACT

Professional guidance is an important area at this moment, because the young people found themselves into a extremely dynamic, fast and violent world, in what may refers to work. This paperwork have the objective to create an iniciative to discuss some professional options with students from high school, helping them to evolve by themselves, searching their own options and making this autonomously and significantly.

Keywords :*education, Professional guidance, chemistry teaching, psychology*

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

- Figura 1** – Organograma acerca da visão profissional limitada dos estudantes em geral 25
- Figura 2** -Fluxograma com relação aos papéis do processo e relações interpessoais 26
- Figura 3** – Mapa conceitual representativo do possível papel do professor na orientação profissional
27
- Figura 4** –Organograma acerca da visão expandida do mercado profissional 28

SUMÁRIO

1. Introdução	9
2. Revisão da Literatura – Referencial Teórico	12
3. Descrição, Metodologia e Desenvolvimento	25
4. Conclusão	35
5. Bibliografia	38

1. INTRODUÇÃO

Atualmente, no cenário educacional referente ao Brasil, nos deparamos com um paradigma que vem sendo largamente discutido e abordado desde tenra idade nas instituições de ensino: a escolha de uma profissão. Futuro: quem pode imaginar o que se passará nele? Independente da faixa etária, as dúvidas e questionamentos acerca de qual será o caminho a ser trilhado serão sempre de suma complexidade, dúvidas essas carregadas de questionamentos e paradigmas. Exatamente neste ponto, encontra-se uma das grandes indagações da maioria dos jovens: O questionamento sobre qual carreira seguir. Uma grande escolha, que, provavelmente, irá determinar o caminho a ser trilhado nos próximos anos, ou seja, o seu papel de participação na dinâmica da sociedade. Um momento crítico e de muito estresse: pressão absoluta. Muita cobrança para alguém tão jovem, por mais base educacional ou cultural que tenha, a pressão estará sempre presente, por maior ou menor que esta seja, independente de qual seja a sua vontade ou a sua vocação. Mas, o que é vocação? Vocação é o que aparece no sujeito, e aí sim, reaparece o indivíduo da sua própria vida, porém sem perder o contato necessário com as pessoas, almejando o seu futuro através de suas perspectivas de estruturação econômica e social.

No Brasil, há uma cultura que é desde cedo implantada em nossas crianças: Já no ensino fundamental, os pequenos têm o objetivo “passar no vestibular” cada vez mais marcado em suas vidas, e cada vez tal cultura começa em idade mais precoce. Da maneira em que tal assunto é trabalhado, dá-se a entender que o universo dos cursos superiores seriam as únicas opções de que o jovem dispõe para ingressar no mercado de trabalho e obter o tão desejado “sucesso profissional”. Porém, o que seria o sucesso profissional? Será que o conceito de sucesso profissional é o mesmo para todos?

As opções de ingresso no mercado de trabalho não dependem somente da formação por uma instituição de nível superior. Há uma gama de opções, como por exemplo: o ingresso nas carreiras militares, a realização de cursos técnicos (que podem, na maioria das vezes, serem cursados em conjunto com o ensino médio regular), o ensino médio normal, onde se tem como objetivo a formação

de professores voltados para o ensino em nível fundamental, as mais de 200 opções de cursos técnicos que são oferecidos por diversas instituições (uma opção rápida para quem deseja retorno financeiro mais “imediato”), o ingresso no mercado como autônomo e a própria carreira acadêmica em si, são alguns dos exemplos. Porém, não é por falta de informação que se gera grande maioria das dúvidas acerca da escolha profissional, mas sim, por falta de uma orientação responsável, um direcionamento adequado aos estudantes. Geralmente, uma vida profissional é construída baseada em uma experiência próxima, induzida dentro do próprio ambiente familiar, como por exemplo, pai e mãe médicos, filho médico, pai sapateiro, filho trabalhando na sapataria, pai e filho engenheiros. Assim, nem sempre se pode dizer que foi feita uma escolha baseada em próprias vontades, anseios e aptidões pessoais. O presente trabalho, de forma alguma, visa apontar a prática do trabalho em família como negativa, mas apenas ir de encontro aos casos onde essa escolha não é uma escolha própria do jovem, mas sim algo forçado por uma tradição familiar.

À má orientação, pode-se atribuir também o crescente aumento do número de abandonos e transferências de curso em universidades no Brasil. É fato: cada vez mais jovens, imaturos e sem qualquer tipo de orientação, os estudantes ingressam em cursos, independente do ramo profissional, sem o menor conhecimento acerca do que será trabalhado ao longo de sua vida acadêmica, sem qualquer tipo de orientação. Muitas das vezes, se conhece a área de atuação apenas com o passar dos anos, já dentro do meio acadêmico, o que pode, ou não, gerar uma série de frustrações. Assim, o processo acaba acontecendo na ordem inversa: primeiro a prática do curso, depois, o conhecimento acerca das funções e atribuições da área em questão.

Assim, surge o seguinte questionamento: como o professor do ensino médio poderia atuar? Quais funções poderiam ser atribuídas aos educadores, sejam atuantes nas mais diversas áreas, como a Química, a Biologia, a História, a Filosofia e as outras ciências?

Orientar exige de um educador conhecimentos que vão muito além das fórmulas, fatos históricos e conceitos desenvolvidos ao longo dos cursos de graduação. Orientação exige, no mínimo, amplo conhecimento sobre psicologia e suas diversas

teorias acerca do comportamento humano. Assim, a proposta é que o professor que irá incorporar o papel de orientador tenha pelo menos uma noção sobre conhecimentos psicanalíticos, suficiente para poder entender os processos inconscientes, mas não conhecimentos tão profundos como a transferência e a contratransferência, os mecanismos de defesa do ego e, logicamente, as chamadas “estruturas” do “aparelho psíquico”, segundo a concepção freudiana (Andrade, 2010).

Este trabalho tem como objetivo construir um material para consulta, onde professores das diversas áreas do conhecimento encontrarão fundamentação teórica para que consigam construir aulas com uma proposta diferenciada, visando ampliar os horizontes profissionais de seus alunos, possibilitando uma visão real e significativa das várias opções ofertadas. Nesta proposta de construção de aulas diferenciadas foi desenvolvida neste trabalho uma aula onde foram realizadas discussões sobre opções profissionais de maneira complementar aos conteúdos regulares atuando como uma ferramenta motivadora e contextualizadora, tomando como base também a proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais, que diz que: “Alteram-se, portanto, os objetivos de formação no nível do Ensino Médio. Prioriza-se a formação ética e o desenvolvimento da autonomia intelectual e do pensamento crítico.” Assim, deve-se priorizar a formação de um cidadão crítico, que possua autonomia intelectual.

2. REVISÃO DA LITERATURA – REFERENCIAL TEÓRICO

2.1. CONTEXTO HISTÓRICO

Pouco se fala sobre orientação profissional no ensino médio Brasileiro, porém, o contexto histórico acerca do tema se inicia, de acordo com Sparta(Mônica,2003), a orientação profissional é originada na Europa do século XX, em Munique, na Alemanha. A produção industrial em pleno vapor, a fim de se otimizar a produção, a orientação profissional tinha como objetivo fazer uma captação dos trabalhadores inaptos a realizar certos tipos de tarefas, com o objetivo de maximizar a capacidade produtiva e minimizar os acidentes de trabalho, que acarretavam uma série de prejuízos. O início oficial da orientação profissional pode ser situado entre os anos 1907 e 1909, com a criação do primeiro Centro de Orientação Profissional norte americano, o *Vocational Bureau of Boston* e a publicação do livro *Choosing a Vocation*, de *Frank Parsons*. Segundo Ribeiro e Uvaldo (Maria,2007) *Frank Parsons* é considerado na literatura internacional o pai da orientação profissional, em função de seu pioneirismo na sistematização dos primeiros trabalhos da área realizados em Boston, nos Estados Unidos. Apesar de sua importância, não existe qualquer publicação dedicada à ele, e seus escritos ainda não foram traduzidos para a língua portuguesa. Em meados da segunda guerra mundial, encontramos também uma forte aplicação da orientação vocacional através da ampla necessidade de se aumentar o contingente bélico, a ideia de “rightman in therightplace”, que teoricamente otimizaria a capacitação e atuação nas diversas áreas da indústria bélica americana. Segundo *Levenfus*(Rosane, 1997),esbarramos seguidamente em demandas de análise que giram em torno de uma infelicidade, um mal estar, com respeito às questões relativas ao trabalho. Apesar da importância da escolha profissional no curso ulterior da personalidade e das funções de uma ocupação no bem estar físico e emocional de quem a segue, relativamente pouco se pode encontrar na literatura a respeito deste tema. É surpreendente a pouca atenção dada a este tópico, já que a escolha profissional é totalmente dependente da

dinâmica de desenvolvimento das pessoas e muitas forças, conscientes e inconscientes que influenciam suas vidas.

Ainda segundo a mesma autora, vivemos em uma sociedade conflitante e conflitiva, onde o indivíduo consegue uma adaptação difícil, mas nem sempre satisfatória, ou seja, alcança-se uma posição de destaque, um bom emprego, pelo menos de acordo com os padrões sociais de sucesso e prestígio, mas que nem sempre preenche o indivíduo de alegria e satisfação pessoal. O problema está de fato nos devaneios e nas contradições da individualidade, o saber “quem sou eu” mistura-se, de uma maneira extremamente angustiante, com “que sou eu?”

Segundo a teoria Freudiana, existem motivações conscientes e inconscientes que levam uma pessoa a optar por certos caminhos, ideais e posições na vida. O trabalho está totalmente conectado à saúde do ser e ao amor que se tem pelo ofício, que certamente será determinante no fator qualidade de vida, já que se passa uma fatia considerável do tempo de vida nos ofícios e responsabilidades relativas ao labor.

Se refletirmos acerca de nossos conflitos e preferências, mais eficientes seremos na tarefa da escolha profissional. O ser humano é um ser de constante conflito, que vive com dúvidas e angústias, mas sempre possui capacidade de superá-las. Mesmo ser humano esse que inicia sua vida com uma dependência praticamente total dos adultos, e, gradativamente, vai construindo uma identidade, sua própria personalidade. Somente duvidando, questionando, refletindo e pesquisando é que se pode sanar esses questionamentos e assim, desenvolver-se gradativamente e conseqüentemente encontrar um caminho.

Levenfus(Rosane, 1997)aponta ainda também acerca da problemática familiar: os elementos familiares e sociais podem, em um nível consciente nos levar a uma escolha baseada em recomendações, palpites, ou, o que pode até ser mais grave, procurar se beneficiar por vinculações da família ou do grupo social. Não se deixar levar somente pelo panorama familiar é extremamente crucial, tanto para o orientando quanto para o orientador. O fator da pressão familiar pode fazer com que se gere uma escolha equivocada, onde o orientando irá basear seus desejos e anseios apenas nas experiências vividas em seu ambiente familiar, muitas das vezes, podendo até passar despercebida uma aptidão maior para outra área, que

poderia ser descoberta se houvesse não só a a orientação, mas também a conscientização através de um panorama mais amplo de situações e opções relativas ao mundo do mercado de trabalho e suas variadas vertentes.

Existem diversas teorias que tratam acerca da questão da orientação. Desde a época dos filósofos gregos, como Platão, já se faziam evidentes os questionamento acerca da escolha profissional, que aparece com o objetivo de preencher os cargos mais importantes por indivíduos mais aptas.

Segundo *Levenfus* (Rosane, 1997), a orientação profissional (entendida como ajuda a alguém que deseja escolher uma ocupação) aparece documentada pela primeira vez em 1575, na obra *Examen de Ingénios para las Ciencias*, por *Juan Huarte*. Huarte preocupa-se com a relação indivíduo x profissão, porém, apenas em 1631, *Jourdain Guibélet*, renomado médico da Normandia, escreve a respeito da “afeição” como sentimento decisivo para o sucesso em uma determinada profissão. Então, em 1909, através de *Frank Parsons*, um professor estadunidense, que os esforços de psicólogos de diversas nações se tornaram reais em torno da tarefa de conhecer o indivíduo e as exigências que as profissões apresentavam acerca da individualidade de cada um. A partir das proposições de *Parsons* somadas às circunstâncias da primeira revolução industrial no final do século XIX, com a franca expansão de um novo mercado de trabalho com diversas novas oportunidades, os escritórios de orientação profissional espalharam-se por todo o mundo, começando pela Europa.

Ainda segundo *Levenfus* (Rosane, 1997), a psicologia vocacional tem seu segundo grande momento de desenvolvimento a partir da II Guerra Mundial, quando os estados unidos passam a captar recursos humanos para as forças armadas. Nessa época, surge a “Teoria dos traços e fatores”, que trata basicamente de interesses voltados para as características individuais, embora o enfoque principal fosse para a seleção do indivíduo para a função em que fosse mais produtivo: “*The rightman in therightplace*”. Finda a segunda guerra em 1945, a Psicologia volta a sua atenção para as “*Teorias Desenvolvimentistas*”, fomentadas inicialmente por *Eli Ginzberg*, um economista com tendências Freudianas extremamente acentuadas. A proposta de *Ginzberg* trata que a escolha profissional é um processo de desenvolvimento que se inicia ao final da infância, e termina no início da idade adulta. Tal teoria seria uma motivação inicial para a realização de novos estudos na área da Psicologia

vocacional. Assim, tracemos então um rápido panorama acerca das principais teorias vocacionais.

Teoria do traço e fator:

Resume toda a característica da psicologia relacionada à orientação profissional nos primeiros 50 anos do século XX, e pode ser fundamentada em dois pontos principais: Primeiramente, cada indivíduo é portador de características específicas, como seus interesses, aptidões, limitações, isto é, traços de sua personalidade. Segundo, toda e qualquer atividade profissional exige a execução de uma série de tarefas, mais, ou menos específicas, de acordo com cada área de atuação.

Teorias Psicodinâmicas:

O enfoque psicodinâmico abrange duas principais vertentes no processo de orientação vocacional: a Psicanálise e a satisfação de necessidades básicas. As teorias possuem muitos pontos em comum, mas diferem profundamente na forma de pensar a questão vocacional. As fundamentações dessas teorias procedem das ideias analíticas da personalidade, da incidência do desenvolvimento qualitativo a partir das primeiras experiências na fase da infância, e faz grande menção à incidência que tenha a vocação em função do comportamento geral do indivíduo. Dentre as teorias psicodinâmicas, podemos destacar a teoria Psicanalítica: a abordagem psicanalítica tem sido apresentada por meio de concepções segundo as quais a escolha profissional está relacionada com o desenvolvimento psicosexual do indivíduo, com seus instintos, conflitos, questionamentos e necessidades que ocorreram na infância. Assim, é através da socialização que o indivíduo aprende a satisfazer suas necessidades de maneira a obter a aprovação do meio. Os mecanismos da ação e formas de conduta que um indivíduo adota para viver constituem sua personalidade e seu caráter, além de ser o principal alicerce na escolha de uma profissão. Dentro do referido contexto, podemos citar a teoria de *Meadow*, citada por *Pimenta (Selma Garrido, 1981)* que é enunciada através de cinco hipóteses principais:

- 1) A pessoa independente tenderá a procurar um emprego no comércio em profissões nas quais possa exercer liderança e iniciativa.

- 2) O tipo reativo, como os compulsivos, procurará atuar em profissões que requeiram este traço.
- 3) Os agressivos podem escolher profissões extremamente competitivas.
- 4) Uma pessoa com superego severo pode sentir-se insatisfeita nas suas ocupações.
- 5) O trabalhador passivo e submisso tem menos êxito no emprego que escolhe do que o agressivo.

Podemos ainda citar a teoria de Satisfação de Necessidades, enunciada por Roe (Anne, 1972) que destaca: “*O modo como o indivíduo aprende, mais ou menos automaticamente (inconscientemente), a satisfazer suas necessidades determina quais de suas capacidades específicas, interesses e atitudes seguirá e desenvolverá*”. O destaque fica por conta da necessidade básica de auto realização. De acordo com tal teoria, as primeiras experiências psicossociais ocorrem no ambiente familiar, entendendo o efeito da mesma na formação de necessidades e na estruturação da energia psíquica do indivíduo. Assim, elaborou-se uma série de hipóteses acerca das experiências da criança e sua posterior opção profissional. A principal deficiência desta teoria está no não esclarecimento em relação ao mecanismo que associa as primeiras experiências à posterior escolha profissional.

Podemos citar também a teoria da Personalidade, que fica por conta da Tipologia de Holland (John, 1977), que trabalha as personalidades vocacionais relacionadas aos estilos interpessoais. Tal teoria determina que a harmonia entre personalidade e ambiente produz os resultados almejados de satisfação e realização no trabalho, uma vez que a incongruência entre esses fatores gera o oposto. Segundo Holland (John, 1977), os indivíduos procuram ambientes e profissões que lhe permitam exercer suas habilidades e capacidades, sem deixar de expressar suas atitudes e valores, aceitando os papéis que forem convenientes, negando os que forem inadequados ou desagradáveis.

Partindo do pressuposto de que o comportamento de uma pessoa pode ser explicado pela interação de seu padrão de personalidade com seu ambiente de vivência, ou seja, seu meio de convivência familiar. Holland preocupou-se de enunciar padrões de ambientes e de personalidades, e só assim, o “tipo de

personalidade”, como o mesmo propõe, se revela a partir da semelhança do sujeito com o tipo de modelo. De acordo com *Levenfus*(Rosane, 1997), podemos enunciar os tipos de Holland da seguinte maneira:

- 1) O tipo *realista*: Masculino, estável, materialista. Evita metas intelectuais e sociais subjetivas, em favor da manipulação objetiva. Holland enumera cerca de 30 ocupações preferidas, citando, dentre elas, as ocupações técnicas e de Engenharia. Geralmente, os pais são nascidos no estrangeiro, de educação sofrível, baixo status sócio econômico, com poucos livros em casa.
- 2) O tipo *intelectual*: Lida com o meio mediante o uso da inteligência. Problemas são resolvidos por meio da manipulação de palavras e ideias. Caracteriza-se pelos seguintes atributos: analítico, racional, radical, independente, introvertido, anal e crítico. Empiricamente é definido como dando preferência às ocupações de médico, cirurgião e a maioria diversas áreas das ciências. A respeito dos antecedentes familiares, sabe-se apenas que seus pais tendem, de um modo geral, a apresentarem-se como pessoas bem educadas.
- 3) O tipo *social*: Segundo Holland, este tipo lida com o meio utilizando recursos sociais para controlar o comportamento dos outros. Tem necessidade de interação social. Confia mais nos sentimentos do que no intelecto para a resolução de problemas. Prefere ocupações que envolvam orientação como assistente social, professor e psicólogo. Papéis masculinos, envolvendo perigo e máquinas, não são de seu agrado. Costuma a apresentar aptidão verbal acentuada, porém pouca habilidade matemática.
- 4) O tipo *convencional*: Para lidar com seu meio, seleciona metas, atitudes e valores que sejam aceitos pela sociedade. É prático e correto. Assim, está demonstrado que trabalha de maneira típica, como caixa bancário, estatístico,arquivista ou gerente. Identificam-se com os chefes e agradam-se com atividades bem estruturadas. É inflexível, rígido e carente de criatividade. Holland afirma que os familiares deste tipo são relativamente claros: uma mãe restritiva que suprime o sexo e agressão, e um pai que atribui escasso valor à curiosidade e à independência.

- 5) O tipo *empreendedor*. Este tipo é caracterizado como sendo aventureiro, dominante, entusiasta, impulsivo e extrovertido. Demonstra maior aptidão às profissões que requerem esses atributos, como vendedor, representante comercial, leiloeiro, produtor de televisão. Valoriza assuntos políticos e econômicos, gosta de papéis de liderança masculina e de outras atividades em que possa satisfazer sua necessidade de dominação. É oriundo de uma área urbana e de uma família com instrução.

- 6) O tipo *artístico*: Enfrenta o meio usando sentimentos, emoções, intuições e imaginação. Caracteriza-se pela complexidade de suas perspectivas, originalidade e introversão. Parece preferir trabalhar como “*designer*”, humorista, poeta, músico, escritor ou figurinista. Identifica-se com os grandes artistas e intelectuais. Desagradam-lhe atividades tipicamente masculinas. Sua aptidão verbal excede a matemática e, com frequência, é um indivíduo excepcionalmente dotado em recursos perceptuais e motores.

Apesar de aparentar grande valor e de sua utilidade prática, a teoria de Holland é questionada por diversos estudiosos, uma vez em que define padrões comportamentais em apenas seis modelos de personalidade. Também podemos atentar para o fato de que tal teoria não explica o desenvolvimento da personalidade e seu papel na escolha profissional.

Há também, além das teorias Psicodinâmicas, as teorias Desenvolvimentistas, conforme enunciado por *Eli Ginzberg* e colaboradores, na qual a escolha é definida como um processo de desenvolvimento que se inicia ao final da infância e termina no início da idade adulta.

Ginzberg refere-se à escolha profissional como um processo marcado por fases, nas quais o indivíduo deve fazer compromissos entre seus desejos e suas reais possibilidades. Segundo o autor, tudo começa na fase da infância, onde a criança faz escolhas fantasistas, que não levam em conta suas potencialidades e as contingências temporais. Na adolescência, então, passa a considerar a futura escolha profissional a partir de seus interesses e também de suas reais capacidades, aquilo o que gosta e acredita poder realizar.

Porém, mais recentemente, passou-se a considerar o processo de forma mais ampla, estendendo-se ao longo da vida do indivíduo. Com relação ao campo da

orientação profissional, passou-se também a percebê-lo de forma mais abrangente, estendendo-se ao longo da vida do indivíduo, sob um ponto de vista mais flexível, com o objetivo de centrar os interesses em alguma tarefa, vez que em termos de recursos materiais e tempo, os diversos tipos de ocupações tornam-se mais numerosos a cada dia.

Outra teoria extremamente interessante é a teoria de *Super*(Donald, 1975), que juntamente com *Bachrach*, apresenta sua teoria vocacional em 12 propostas, são elas:

- 1- A decisão vocacional é um processo que ocorre durante um período extenso da vida e não um momento determinado.
- 2- A decisão vocacional compõe um esquema discernível, e, portanto, é prognosticável.
- 3- A decisão vocacional implica uma “transação entre fatores sociais e pessoais, conceito de si mesmo e de realidade, respostas aprendidas recentemente e pautas de reação existentes e uma síntese de tudo isso.”
- 4- “O conceito de si mesmo começa a formar-se antes da adolescência, se torna mais claro nesta etapa e nela se expressa em termos ocupacionais.”
- 5- À medida que o indivíduo cresce, os fatores da realidade tornam-se cada vez mais importantes como determinantes da escolha vocacional.
- 6- As identificações de um indivíduo com seus pais influem diretamente em sua escolha vocacional.
- 7- A movimentação que um indivíduo realiza de um nível ocupacional a outro, está relacionada com sua inteligência, nível sócio econômico dos pais, necessidades de *status*, valores, interesses, habilidade nas relações interpessoais e as condições econômicas de oferta e demanda.
- 8- “O campo ocupacional no qual entra o indivíduo está relacionado com seus interesses, valores, necessidades, com as identificações que faz com os modelos parentais, os recursos da comunidade que utiliza, o nível e qualidade

de seus antecedentes ocupacionais e a estrutura ocupacional, tendências e atitudes de sua comunidade.”

9- Os indivíduos, em geral, são multipotenciais, e as profissões, habitualmente amplas o bastante para permitir certa variedade de indivíduos em cada ocupação e certa variedade de ocupações para cada indivíduo.

10 e 11- As satisfações na vida e no trabalho dependem da medida em que o indivíduo possa consolidar seu conceito de si mesmo mediante o desempenho de seu “rol” ocupacional.

12- O Trabalho de um indivíduo pode lhe proporcionar um modo de integrar ou manter a organização de sua personalidade. Em outras palavras, a atividade laboral pode ser um dos principais mecanismos de adaptação ou defesa do indivíduo.

Mais uma vez, a teoria desenvolvimentista tem como principal argumento a valorização do ser: seus anseios, suas potencialidades e a forma como o meio interfere nesse desenvolvimento, que muito utilizará de seu emocional, psicológico e principalmente, de sua estrutura cognitiva.

Além desses pressupostos, *Super (Donald, 1975)* introduziu também o conceito de “maturidade vocacional”, descrevendo cinco etapas, desde o nascimento até o final da vida de trabalho, destacando o grau de desenvolvimento individual:

- 1- *Fase de crescimento (Infância)*: O Autoconceito desenvolve-se por identificação com modelos parentais e sociais. Predomina a fantasia e a imaginação, sendo que o interesse e a capacidade vão tomando importância à medida que aumenta sua participação social.
- 2- *Fase de exploração (Adolescência)*: Predomínio da auto análise, representação de papéis e exploração ocupacional (busca de informação acerca da questão ocupacional).
- 3- *Fase de estabelecimento ou afirmação (Idade adulta)*: É uma etapa de maturidade. Trata-se de condutas adaptativas de eficiência ou de estabelecimento na carreira. Busca de estabilização no mundo do trabalho.
- 4- *Fase de permanência ou manutenção (Maturidade)*: Já se conhecem bem as possibilidades de carreira e mercado. O lugar no mundo do trabalho já foi

conquistado. A preocupação desta fase é a de sustentar e manter o posto alcançado. Já ocorre uma certa desaceleração e uma tendência a concentrar-se no conhecido como fonte de segurança, evitando-se o novo.

5- *Fase de declínio (Velhice)*: A aposentadoria se aproxima, as forças físicas e mentais declinam, o ritmo afrouxa, a atividade tende a diminuir e finalmente a atividade laboral regrada é abandonada.

Dentro desses princípios, o orientador terá como principal função a facilitação do indivíduo à sua adaptação à mudança como parte de sua vida profissional. Assim, tendo o orientador a sua função bem definida, trabalha-se também o que o indivíduo deve encontrar ao longo dessa orientação. Acredita-se que o indivíduo encontra satisfação no trabalho na medida em que a sua função permita o mesmo ser a pessoa que realmente se é, ou seja, praticar seus valores, saciar seus desejos e aplicar seus talentos. Podemos ainda destacar na teoria de *Super* o seu enfoque evolutivo, sua construção vocacional gradual. Atualmente, tal teoria ocupa um lugar de destaque entre as teorias desenvolvimentistas.

Encerrando o “rol” de teorias desenvolvimentistas, Analisemos a teoria *Tiedman O’Hara*. Segundo *Levenson*, esses autores trouxeram uma importante contribuição no tocante ao desenvolvimento vocacional. Enunciam conceitos que visam estabelecer uma relação concreta entre a personalidade de um indivíduo e o caminho a ser trilhado durante sua carreira. Os dois pontos chave propostos pelos autores são a *diferenciação* e a *integração*. *Diferenciação*, no que tange discriminar os estímulos externos que se colapsam com o “Eu”. *Integração* no sentido de extrapolar o todo, começando pelas partes. Ambos são, de certa forma, a reorganização dos elementos que foram diferenciados. Ainda segundo *O’Hara* e *Tiedman*, a diferenciação se inicia com uma problemática, com um período de preocupação, no qual o indivíduo explora as possibilidades para que então possa se decidir, definir suas posições, eleger e especificar sua escolha. Segundo *Rivas*, na etapa de exploração, o sujeito considera um elevado número de possíveis alternativas vocacionais, analisa suas finalidades e as possibilidades de alcançá-las, ordenando-as. Nessa etapa de decisão, segue a ordenação das finalidades desejadas, definindo os seus valores com maior

precisão. Na etapa de *eleição*, procede uma decisão estável, chamada de “*cristalização*”, e sua estabilização depende da força com que resolveu os problemas da ordenação, para chegar, finalmente, a uma escolha. A etapa final, chamada *especificação*, afeta a imagem de si mesmo e cria potencialidades para a realização vocacional ante circunstâncias que contrariam sua auto realização.

Após o período de preocupação, temos o “*período de realização*”, ou de adaptação, no qual o indivíduo dá sequência à sua escolha e se adapta às suas novas funções. Os autores dividem o período de realização em três etapas: “*Indução*”, “*Reforma*” e “*Integração*”. Na etapa de indução, o sujeito começa a aprender assumir compromissos à proporção que se vai identificando com seu novo meio, ou seja, etapa inicial do desenvolvimento de uma nova atividade. Na etapa de reforma, se mostra receptivo ao novo meio e ali se integra, começa a se afirmar e busca influenciar positivamente esse meio. Reformula posições à medida que as experiências vocacionais vão lhe confirmando seus desejos. Por fim, na etapa de integração, o sujeito deve encontrar um equilíbrio dinâmico de interinfluência entre o indivíduo e o meio, ou seja, realizar um balanço entre os esforços realizados, suas aspirações e as demandas do ambiente. Sua própria satisfação, ou não, é manifestada pelo rumo que as coisas irão tomar, ou seja, se o indivíduo se sente realizado profissionalmente ou não.

Assim, podemos concluir que cada passo representa uma mudança singela no estado psicológico individual, a qualidade de cada decisão será diferente em cada estágio específico. A evolução da identidade de si mesmo como processo de decisão depende das características pessoais do indivíduo e do ambiente no qual está inserido, sempre em busca de integração das experiências em níveis progressivamente mais globais. Mais uma vez, ao orientador é atribuído o papel de facilitador: um orientador que tem como objetivo facilitar a tomada de decisão por escolhas racionais, permitindo ao indivíduo seu progresso nas suas sucessivas opções, enxergando a relação entre os diversos caminhos que decide trilhar.

Teorias da Decisão (Abordagem Socioconitiva):

O enfoque das teorias sociocognitivas resulta das orientações psicológicas modernas. O processo tem como objetivo a solução da problemática vocacional específica que cada indivíduo observa e aceita como problema, solicitando ajuda

quando reconhece que está imerso na dúvida. A chave para que o processo seja bem sucedido está no autoconhecimento, na análise da problemática da situação e, em geral, na busca de informações relevantes. A eficácia do processo de tomada de decisão está em admitir aspectos de cunho pessoal, valorização de opções vocacionais e alternativas de ações sob a responsabilidade do próprio sujeito, dentro de um processo estruturado. Busca perceber o sujeito como indivíduo psicológico, que organiza seu problema, age conforme seus interesses e os condicionantes sociais. Por outro lado, os modelos de tomada de decisão falham em especificar como este processo varia, dependendo do tipo de decisão, de personalidade e nível de maturidade do sujeito. Dentro de mais essa gama de conceitos, podemos citar quatro autores que se destacam: *Gellat (1962)*, *Thomas Hilton(1962)*, *Hemerson e Roth (1966)*.

Segundo *Levenfus (Rosane, 1997)*, *Gellat* considera que em qualquer tomada de decisão sempre há um indivíduo que irá escolher entre várias opções, baseando-se sempre nas informações que possui. Para o autor, uma decisão pode ser tanto definitiva quanto exploratória, sendo que esta, tem o poder de modificar a primeira. Propõe que o indivíduo adota um sistema racional para poder decidir. A partir do momento em que o indivíduo define o problema a ser enfrentado, passa por um momento preditivo. Neste momento, irá avaliar as possibilidades, tentar prever as consequências das possíveis tomadas de decisão e a probabilidade da concretização de cada uma dessas consequências. Logo em seguida, passa a um momento de avaliação no qual pesa o desejo dessas consequências, avaliando suas preferências dentre os distintos resultados. Finalmente, utiliza um critério pessoal de decisão, avaliando e fixando cada uma de suas escolhas, a priori definitivas, que poderão ou não sofrer mudanças ao longo do caminho.

Thomas Hilton relaciona o processo de tomada de decisão com uma teoria geral do comportamento na escolha ocupacional: “uma tentativa de redução do nível de dissonância cognitiva, elevado a níveis intoleráveis por estímulo ambiental” (*Apud Ferretti, 1974 45p.*). Trata-se de um modelo complexo, baseado nas teorias do processamento da informação. Podemos dividi-la em três elementos chave:

- 1- Premissas, crenças ou expectativas sobre si mesmo e o mundo.

- 2- Planos, imagens ou representações de ações globais associadas ao mundo vocacional particular.
- 3- Dissonância cognitiva como método de prova e confrontação das premissas com os planos para a solução do problema vocacional.

A teoria de Hilton se constrói no fato de que a observação dos estímulos ambientais podem interferir, o que é uma ideia comum a mais de uma das teorias de desenvolvimento vocacional já abordadas anteriormente. Segundo Hilton, observa-se de que forma os estímulos ambientais podem interferir, alterando e distorcendo as premissas e planos do sujeito.

Por fim, Hershenson e Roth enfatizam que as escolhas ocupacionais ao longo do desenvolvimento vocacional, são presididas por duas tendências principais: progressiva eliminação de alternativas e a reafirmação das alternativas não excluídas, restringindo assim, gradativamente, a gama de opções, aumentando cada vez mais a certeza da decisão tomada. Tal processo é diferencial e privativo de cada sujeito, e tem a ver com a base experiencial relacionada à história pessoal de cada um.

3. DESCRIÇÃO, METODOLOGIA E DESENVOLVIMENTO

De posse de todo o referencial teórico apresentado, podemos chegar a conclusão de que há diversas maneiras de se desenvolver uma orientação profissional. As diversas teorias proporcionam uma série de abordagens diferenciadas de acordo com a soma de fatores psicológicos característicos de cada indivíduo. Existem inúmeras opções a serem exploradas por quem se encontra em busca de um futuro profissional. Muitos mal sabem quais são essas opções de que dispõem. Com certeza, o não saber não se dá pela falta de informação, já que o acesso à mesma nunca esteve tão simples: podemos ler jornais de diversas partes do mundo sem sequer sair de casa para comprá-los, saber das principais notícias ao redor do mundo, pesquisar sobre diversos temas com um simples digitar de palavras, ciência, artes, política, religião, diferentes culturas e hábitos de inúmeras etnias e crenças diferentes, estudar por meio de vídeo aulas e fazer cursos de nível médio, superior ou técnico a distância. Atualmente, tem-se como senso comum que a única opção que resta ao jovem é o ingresso no mercado de trabalho por conta da realização de um curso superior e que, associado ao diploma adquirido na graduação virá a tão sonhada estabilidade. Foi-se o tempo em que um bom emprego era caracterizado pela garantia de segurança financeira para o resto da vida. Reitero que, onde quer que esse conceito de estabilidade ainda exista, só o é em dois casos: devido a falta de orientação responsável para quem quer que seja, ou a estabilidade trazida por um concurso público. A economia é dinâmica e o mercado está em constante transformação. As possibilidades de mudança são muitas. Certa vez, uma certa citação me chamou a atenção: *“Os jovens de outros países fazem campanhas e criam empresas que transformam o mundo. Os gênios Brasileiros fazem concurso público.”* Profissionais competentes relatavam, com orgulho, a carreira de trinta anos em uma mesma empresa, onde entravam como “Office boys” e se aposentavam com cargos da diretoria. O mundo mudou: o mercado não é mais formado exclusivamente por essas empresas que mantêm seus funcionários em carreiras que evoluem simplesmente com o passar dos anos e o acumular de funções. Tem que se atualizar, tem que estudar, tem que crescer, cada vez em velocidade mais rápida, dia após dia, e é missão nossa, professores, estabelecer um contato inicial com a orientação de nossos alunos sobre como ingressar com o maior preparo possível, para adquirir seu papel ativo e atuante

nesse mundo competitivo. Assim, a maneira de abordagem no tocante ao papel do professor pode ser tratada como uma ponte entre o estudante e os possíveis caminhos que pode escolher. Porém, primeiramente, deve-se promover um debate inicial acerca dos principais ramos profissionais que poderão ser abordados, já que, como discutido anteriormente, há pouca ou nenhuma conscientização sobre os caminhos possíveis de serem trilhados. A ideia inicial acerca da existência de uma visão profissional extremamente limitada pode ser melhor entendida a partir da interpretação do organograma a seguir:



Figura 1 – Organograma acerca da visão profissional limitada dos estudantes em geral

Essa visão extremamente limitada é o principal panorama presente na realidade do estudante brasileiro, e a falha encontra-se em nossa forma de educar. Há um enfoque absurdamente voltado ao ensino superior e a errônea classificação do ensino técnico como um ramo de menor importância, opinião que certamente é gerada pela pouca ou quase nula informação e conscientização acerca dessas

carreiras, que acaba por sintetizar uma visão de senso comum caracterizada por uma suposta baixa remuneração por conta dessas carreiras técnicas. Assim, podemos traçar uma possível estratégia de ação dos profissionais docentes que realmente se importam com o futuro profissional de seus educandos, não no tocante à orientação vocacional tradicional, aquela baseada em questionários e testes psicológicos visando associar possíveis aptidões pessoais, mas da criação de um incentivo inicial, da expansão dessa visão extremamente limitada das opções existentes no mercado de trabalho. Através da interpretação do mapa conceitual e do diagrama a seguir, podemos entender melhor qual seria um possível papel do professor: o de conector entre o aluno e a geração desse panorama mais amplo, possibilitando que o estudante se conscientize de maneira autônoma acerca das diversas opções profissionais existentes.



Figura 2: Fluxograma com relação aos papéis e relações interpessoais



Figura 3: Diagrama representativo do possível papel do professor na orientação profissional

Porém, as opções vão muito além do que se gira em torno do senso comum, e existem muitas opções que podem ser exploradas, se houver a formação de um panorama mais amplo, difundindo e orientando o estudante acerca dos diversos ramos profissionais existentes. O senso comum divide, como visto anteriormente, as opções profissionais em apenas três ramos: o mercado informal, o ensino superior, e, numa parcela bem menos difundida, os cursos técnicos. Na verdade, existem muitas opções, que podemos enunciar de uma maneira simplificada, nas áreas de acordo com o organograma a seguir:



Figura 4: Organograma acerca da visão expandida do mercado profissional

Assim, de posse dessas diversas opções, pode-se discutir cada uma dessas áreas.

- 1- **CURSOS TÉCNICOS**: De acordo com o site do Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, o SENAC, existem diversos segmentos. São eles: Artes, Beleza, Comércio, Comunicação, Conservação e Zeladoria, Design, Educacional, Gestão, Hospitalidade, Idiomas, Informática, Lazer, Meio Ambiente, Moda, Produção de alimentos, Saúde, Segurança, Social, Telecomunicações e Turismo.

- 2- ENSINO SUPERIOR: Podem ser divididos em três blocos principais
- Ciências Exatas: que engloba cursos como Astronomia, Agricultura, Engenharias em geral, Meteorologia, Oceanografia e Sistemas de informação, por exemplo.
 - Ciências Biológicas: com cursos como Biologia, Botânica, Medicina, Odontologia, Fonoaudiologia, Enfermagem e Educação física, por exemplo.
 - Ciências Humanas: composta por Administração, Arquivologia, Comércio exterior, Contabilidade, Ciências políticas, Desenho industrial, Filosofia, Músicas, Pedagogia, Teologia e Radialismo, por exemplo.
- 3- MERCADO DE TRABALHO FORMAL: composto pelo ramo tradicional de bens de consumo e serviços essenciais à dinâmica social. São cargos que englobam funções relativamente mais simples, de retorno mais rápido e, geralmente, que requerem uma especialização menor. São as carreiras de motorista, auxiliar administrativo, secretárias, garis, gerentes comerciais e etc. deixando claro que a intenção do trabalho não é diminuir a importância de nenhuma dessas funções.
- 4- CURSOS PROFISSIONALIZANTES: são cursos caracterizados pela curta duração e rápido retorno financeiro. Não há um pré requisito específico para que se ingresse em um curso profissionalizante, o que confere um maior acesso a esta categoria.
- 5- CARREIRAS MILITARES: São carreiras associadas à Marinha, ao Exército e à Aeronáutica que possuem diversas vertentes tanto em nível superior quanto em nível médio. A faixa salarial dessas carreiras é muito variável, e possuem a estabilidade como um dos principais atrativos.

- 6- CONCURSOS PÚBLICOS: Os concursos públicos são a maior febre dentro do cenário econômico nacional. As carreiras públicas abrangem uma enorme gama de opções, mas o principal atrativo, além de uma boa remuneração, é uma grande estabilidade somada à um interessante plano de carreira.

Agora, de posse de um panorama mais amplo acerca das diversas carreiras profissionais, podemos enfim discutir as razões que levam o jovem a sua decisão no tocante à escolha profissional.

É certo que, desde os tempos mais primórdios, a escolha do futuro profissional feita pelo jovem tem sua maior influência no seio familiar, se estendendo por várias gerações de uma mesma profissão e em muitos casos, se estendendo por 3 ou até 4 gerações. Não que isso seja um aspecto negativo, porém, pode acabar se tornando, se for fruto de escolhas inconscientes ou forçadas por uma pressão da própria família.

3.1 A ORIENTAÇÃO DE FORMA AUTÔNOMA APLICADA: ESTUDO DE CASO

Para ilustrar tal fato, trago aqui um estudo de caso sobre a jovem N. Gomes, em que a questão familiar é um fator decisivo nas decisões tomadas. Residente do município de Maricá, advinda de uma tradicional família de médicos da cidade, N. Gomes sempre teve seus estudos administrados e muito bem coordenados por seus pais, um casal de médicos cardiologistas. Desde muito nova, N. sempre frequentou os melhores colégios e recebeu todo o acompanhamento escolar de que um jovem necessita, e aos 17 anos, chegou ao terceiro ano do ensino médio, e às vésperas do vestibular, a surpresa: N. não queria mais ser médica, mas sim arquiteta. De início, os pais de N. não receberam bem a novidade, e a convenceram de continuar com a ideia inicial de cursar medicina. N. prestou vestibular através do ENEM e foi selecionada, após inscrição no SISU, foi aprovada para medicina, na Universidade Federal Fluminense. Ingressou, cursou 2 períodos mas não estava feliz. Então, N. decidiu buscar apoio, e acabou conhecendo a presente ideia de orientação profissional, decidindo vir até mim para algumas conversas. Tudo muito no início, quando tudo ainda era apenas uma pequena aspiração, sem formato algum. Após algumas conversas e pesquisas realizadas, N. decidiu ir mais fundo no universo da arquitetura e de áreas similares como engenharia, decoração de interiores e paisagismo. Após 2 meses de reflexão sobre o assunto, N. decidiu prestar um novo

vestibular e passou para arquitetura também na UFF, e decidiu conversar com seus pais sobre sua decisão. Dessa vez, com muito mais argumentos, uma posição consolidada e muito mais amadurecida sobre sua decisão, *N.* expôs seus anseios e sonhos aos seus pais, que, neste segundo momento, talvez por serem um casal mais esclarecido e bem informado, acabaram por apoiar *N.* em sua decisão e hoje, ela cursa Arquitetura na Universidade Federal Fluminense, muito mais feliz e certa de que está no caminho que a fará feliz.

Certamente, o desfecho dessa história poderia ter sido completamente diferente. Bastou uma simples conversa com cada um dos estudantes que buscaram auxílio para que se proporcionasse uma visão mais expandida acerca do conceito de futuro profissional. Não se trata de medir, tentar mensurar ou quantificar aptidões ou aplicar diversos testes: tudo é uma questão de se expandir horizontes, conscientizar e instigar o aluno a desenvolver e utilizar a sua autonomia, como ser pensante, crítico e formador de opinião, que irá, por si só, se conscientizar acerca das principais áreas que despertarão seu interesse e suas aptidões inatas.

3.2. ESTRATÉGIA DE ABORDAGEM PARA ORIENTAÇÃO PROFISSIONAL

Ciente dessas principais áreas e de suas ramificações, deve-se primeiramente debater sobre essas principais áreas, especialmente aquelas menos trabalhadas no ensino médio regular, como os cursos profissionalizantes, o ensino técnico e o mercado formal. Tais temas provavelmente só serão abordados, quando, e se forem, dentro do contexto familiar, e mesmo assim, serão trabalhados já dentro de uma visão privilegiada por quem já atua no mercado profissional dentro de uma área específica, limitando a um número menor de opções quem busca essa orientação, que conseqüentemente ficará restrito apenas ao contexto profissional familiar: o já mencionado anteriormente: “tal pai tal filho”. Essa tendência pode ser fomentada pela abordagem das teorias psicodinâmicas dentro de suas duas principais vertentes, que são a psicanálise e a satisfação das necessidades básicas. Apesar de terem muitos pontos em comum, diferem na forma de pensar a questão vocacional. Porém, as fundamentações dessas teorias partem do princípio da análise da personalidade, da incidência do desenvolvimento qualitativo a partir das primeiras experiências e fazem grande alusão à relação entre a escolha profissional e o comportamento geral do indivíduo. Podemos fazer também referência aos ensinamentos de Vygotsky:

pensador muito importante em sua época, pioneiro no conceito de que o desenvolvimento intelectual está diretamente relacionado com as interações sociais e condições de vida, isto é, o panorama social ao qual o indivíduo está inserido será fator determinante na escolha profissional do jovem, pois suas escolhas serão determinadas pelas diversas opções que estiverem disponíveis. Ampliar esse horizonte se faz uma necessidade, já que muitas das vezes um real potencial pode estar oculto simplesmente pelo desconhecimento dessa gama maior de opções. Assim, fica mais que evidente a necessidade de se estimular a discussão acerca do tema em questão, mas não num sentido de uma orientação tradicional, baseada em uma bateria de testes e questionários, mas de acordo com as diretrizes dos PCNs, que nos orientam à formação de cidadania plena, de um indivíduo que seja capaz de desenvolver a aprendizagem de forma autônoma, o aprender a aprender, de Paulo Freire, e não um mero reproduzidor de ideias, conceitos e opiniões baseadas somente em senso comum. Passemos então à uma discussão mais aprofundada acerca do método de abordagem adotado.

3.2.1 Metodologia

A proposta consiste em desenvolver uma aula com o diferencial de instigar essa procura por parte do aluno, seja por meio de debates, vídeos ou de temas estruturadores para uma posterior discussão: o método de abordagem vai de acordo ao perfil do professor que decidir trabalhar com a ideia. A estratégia de abordagem tem como principal objetivo se estruturar para ser aplicada à turmas de ensino médio, inicialmente às aulas de Química, visando a melhor assimilação de uma série de conteúdos a serem abordados ao longo de um ano letivo, usando as diferentes opções de carreira como tema central e só a partir de uma breve discussão sobre determinados ramos profissionais, fazer menção ao conteúdo a ser abordado, possibilitando assim, o despertar para a ampliação da curiosidade e desenvolvimento de autonomia, visando uma futura expansão dos horizontes profissionais do aluno, que posteriormente se encaminhará para a orientação adequada ou buscará a opção que mais condiz com suas aptidões por esforço próprio, muito mais ciente e seguro no tocante às diversas opções que dispõe, deixando claro da existência dessa possível gama de escolhas, que vão além das convencionais, pouquíssimo trabalhadas anteriormente e de maneira

superficialmente, proporcionando também motivação e base inicial para a construção de um conhecimento sólido e real, e, acima de tudo, significativo.

3.2.2. Desenvolvimento da aula proposta

No presente trabalho, escolheu-se um tema estruturador para a confecção de uma aula diferenciada, utilizando o PowerPoint como ferramenta auxiliar. O tema estruturador: “A atuação dos técnicos em diversas áreas”, foi escolhido exatamente com o intuito de despertar nos alunos a curiosidade sobre os cursos técnicos. O item do conteúdo programático a ser trabalhado é a parte de eletroquímica, no tocante aos diversos processos de oxirredução que nos cercam diariamente, mais especificamente os processos corrosivos, como os que acontecem nas regiões litorâneas, e são alvo de intenso estudo na indústria naval, aplicados como motivação inicial aos conceitos de oxidação e redução, essenciais ao estudo das reações redox. Estes conteúdos se inserem nas carreiras dos técnicos em soldagem, alpinistas industriais e técnicos em Química: carreiras pouco conhecidas, de extrema importância e que constituem uma mão de obra altamente escassa, de essencial importância para o crescimento do país. Assim, a aula começa com uma breve discussão acerca do tema “indústria naval”, passando rapidamente sobre os constituintes dessa atmosfera profissional, que vão desde o aprendiz de marinheiro, passando pelos práticos, os diversos técnicos envolvidos, que são o alvo principal da explanação, moços de convés e segue até os engenheiros navais. Assim, o tema de reações redox começa a ser desenvolvido de forma natural, após uma breve explanação sobre a atuação dos técnicos na indústria naval. Assim, o resultado esperado é obtido na maioria dos estudantes atingidos. Em Maricá-RJ, onde o trabalho foi melhor aceito e dispôs de mais tempo para ser desenvolvido, muitos alunos sequer sabiam da existência de alguns desses cursos técnicos, como, surpreendentemente, o curso de técnico em Química, mão de obra essencial ao desenvolvimento das atividades cotidianas essenciais de qualquer laboratório.

4. CONCLUSÃO

Finalmente podemos concluir que a bibliografia apresentada, apesar de ser de diferentes períodos históricos (temos materiais que vão de 1909 aos anos 2000), ainda é, guardadas as devidas proporções, em sua grande maioria, de extrema relevância acerca do contexto social ao qual estamos inseridos, onde encontramos o jovem como alvo de um paradigma que acaba construindo uma espécie de pedestal, onde somente algumas carreiras são colocadas em um patamar de prestígio social como sinônimo de real sucesso profissional, ignorando o fato de que o verdadeiro sentido de nossa existência é a busca pela felicidade, e um dos segredos para ser feliz certamente passa pela realização profissional, já que em grande maioria dos casos, o trabalho ocupa um percentual significativo de nossas vidas.

Deve-se ter consciência de que a construção de uma carreira profissional não se faz em pouco tempo, e muitas vezes não segue um padrão fixo: tem seus momentos altos, baixos, e de inconstantes transformações. Deve-se considerar também ainda que existem muito mais traços de personalidade do que os conceitos de *Holland* traz. Essas personalidades não se resumem somente aos tipos realista, intelectual, social, convencional, empreendedor e artístico... a realidade vai muito além dessas seis opções: trata-se de uma múltipla combinação de todas essas e mais inúmeras personalidades que não cabe descrever detalhadamente no presente trabalho.

Tudo começa na fase da infância, por meio da identificação de modelos parentais e sociais, seguindo para a adolescência, onde predomina a auto análise em busca de suas aptidões e se desenvolvem os anseios pela busca de informação, que se gerada de forma autônoma, com pouca supervisão de um agente externo, pode ter um efeito poderoso sobre o jovem, no tocante ao desenvolvimento de sua autonomia e seu senso crítico, sua forma de atuação como cidadão e sua futura afirmação como parte integrante fundamental da sociedade. É nesta fase, especificamente, que o presente trabalho se mostra eficiente, já que o público alvo são os estudantes do ensino médio regular, com todos os seus sonhos, anseios e dúvidas. A idade adulta, é onde, teoricamente, se busca a estabilização da carreira,

tendo em vista uma série de condutas adaptativas e de ampliação dos horizontes profissionais. A próxima fase, a permanência ou manutenção é, teoricamente uma fase de sustentação e desenvolvimento do que já foi conquistado, e, de uma maneira geral, a principal preocupação é a de se manter no posto alcançado. A fase final, denominada fase de declínio ou velhice, é a fase onde as forças físicas e o ritmo de trabalho diminuem. Discordo ferozmente das últimas duas fases. Quando realmente se ama o que se faz, a energia surge de onde nem imaginamos que elas existam. Falo por experiência própria por ter convivido com um bisavô que, até o limite de suas forças, aos oitenta e nove anos, exercia, deveras com primazia inigualável, a função de carpinteiro: um trabalho extremamente braçal e que requer um quantitativo energético altíssimo.

O trabalho, sem dúvida, quando é um hábito prazeroso e estimulante, é simplesmente engrandecedor e benéfico. Quando se faz o que se ama, o trabalho acaba se misturando com os momentos de lazer, guardadas, claro, as devidas proporções. Uma vida profissional onde o trabalho é realmente algo salutar e edificante só pode ser construída com base em escolhas sólidas e bem feitas. Tudo isso só é proporcionado por uma escolha profissional responsável, feita de maneira consciente e autônoma.

A visão extremamente limitada dos estudantes acerca do futuro profissional possui diversas maneiras para ser rompida de vez, porém, cabe a nós, professores, iniciar um processo de conscientização e transformação da visão de mundo de nossos estudantes, visão essa que não deve se limitar à mera resolução de questões e aplicação de provas. Deve-se ir muito além da sala de aula para que haja a sua construção. Os temas relacionados à escolha profissional devem ser debatidos, sempre que possível, e não serem tratados como tabus ou com o velho discurso de que o tempo é insuficiente ou que o cronograma é apertado demais. Somos professores, e nossa profissão requer uma constante transformação. E por que não expor valores, discussões, questionar, mudar o método? E por que não mudar a maneira de ensinar? E por que não ensinar de uma maneira em que o conteúdo trabalhado realmente acrescente esses valores à vida do público alvo?

Com relação ao desenvolvimento da autonomia do estudante: os jovens têm muito mais potencial do que imaginamos, e devemos explorar esse potencial ao

máximo, especialmente nesse quesito. O fato de trabalharmos de maneira expositiva desde tenra idade acaba tendo como consequência a retração de sua capacidade criativa, reduzindo e limitando a sua capacidade de trabalhar de forma autônoma. O conhecimento pode ser construído de diversas formas, e sem dúvida, uma das formas mais poderosas é desenvolver esse trabalho de forma autônoma, onde o trabalho do professor não se resume a ser apenas um transferidor de conhecimento, o que tiraria de nós a parte mais bela da profissão, que é a construção do saber. Assim, cabe a nós o fomento à pesquisa através das mais variadas formas: seja através de uma breve aula com o auxílio do PowerPoint, de uma visita técnica ou de atividades extra classe que fomentem o gosto pela aprendizagem contínua, a formação que nunca se esgota. Instigar e forjar o hábito de se aprender a continuar aprendendo sem jamais cessar: ensinar “aprender a aprender”.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Suad Haddad. Transferência e Contratransferência. Disponível em: <<http://www.cursosuad.com.br/wp-content/uploads/2010/10/Texto-Transferência-eContratransferência.pdf>>. Acesso em 18 de agosto de 2014.

HOLLAND, J.L. & HOLLAND, J.E.: Vocational Indecision: More Evidence and Speculation. *Journal of Counseling Psychology*, 24, 1977.

LEVENFUS, R.S et al.: *Psicodinâmica da Escolha Profissional*. 1.ed. Porto Alegre: Artes Médicas – 1997

PIMENTA, S.G.: *Orientação Vocacional e Decisão: Estudo Crítico da Situação no Brasil*. 4.ed. São Paulo: Loyola, 1981.

ROE, Anne. *Psicología de las Profesiones*. Madrid: Marova, 1972.

SPARTA, Mônica. O desenvolvimento da orientação profissional no Brasil. In: *Revista Brasileira de Orientação Profissional*. dez. 2003, v. 4, n. 1-2.

SUPER, D. E., Determinantes Psíquicos da Escolha Vocacional. In: *Arquivos Brasileiros de Psicologia Aplicada*. Rio de Janeiro, v 27, nº3, abr/jun 1975.

UVALDO, M.C. C.; RIBEIRO, M. A. Frank Parsons: Trajetória do pioneiro da Orientação Vocacional, profissional e de carreira, *Revista Brasileira de Orientação Profissional*, v.8 p. 18-31, 2007